

Ensino coletivo de violão: uma turma de diversidades

Joelson Montes de Sales
Universidade Federal da Paraíba
joelsonmontesquitarra@gmail.com

Johnatan Martins de Sousa
Universidade Federal da Paraíba
Johnatan.martins.sousa@gmail.com

Comunicação

Resumo: Este trabalho é um relato de experiência vivenciado durante a disciplina de estágio supervisionado, dentro do contexto do ensino não formal de música e no curso de licenciatura em música. O principal objetivo da proposta desenvolvida foi iniciar os alunos no violão. Os resultados mostram que a turma conseguiu aprender o instrumento dentro de um semestre e que nós licenciandos, aprendemos muito praticando e testando as possibilidades neste grande laboratório de aprendizado que é a sala de aula. Foi possível perceber que cada turma possui suas especificidades, que cada contexto exige uma postura diferenciada do professor atuante e é preciso estar atento as necessidades que vão surgindo no decorrer do semestre.

Palavras-chave: Ensino coletivo de violão; Estágio Supervisionado em música; Espaço não formal;

Introdução

O ambiente de estágio selecionado foi uma das turmas do projeto de extensão da orquestra de violões da Paraíba (OVPB), atuante na Universidade Federal da Paraíba (UFPA) e localizada na cidade de João Pessoa – PB. O presente trabalho foi realizado em oito aulas com encontros semanais e cada encontro tinha duração de uma hora e trinta minutos.

Esta atividade teve o intuito de exercitar nossa prática docente, e, para nortear nossa atuação, o objetivo geral foi propiciar a iniciação dos alunos no violão. A partir deste objetivo, trabalhamos os conteúdos de domínio de aplicativos de violão em smartphones, performance musical, dinâmica, andamento, sonoridade e aspectos técnicos do violão (acordes, ritmos e melodias).

Escolhemos fazer nosso estágio no projeto da OVPB porque o projeto atua com o ensino coletivo de violão e queríamos melhorar nossa prática como professores de

instrumento, tendo em vista que esta atuação nos proporcionaria possibilidade de inserção no mercado de trabalho futuramente.

O ambiente onde ocorrem as aulas de violão coletivo dispõe de violões, quadro, lápis e fica localizado no bloco D (CCTA – UFPB). Todas as aulas das oficinas ocorreram nessa mesma sala, uma vez por semana, com vários professores diferentes atuantes do projeto. Esses recursos que tínhamos à nossa disposição, nos permitiram criar várias atividades e explorar bem nossas ideias.

Apesar de, o projeto ser aberto para toda comunidade da cidade de João Pessoa - PB, o mesmo está inserido no contexto da educação superior, atuando na própria universidade. Cada turma do projeto possuía 10 alunos e o único critério de seleção era possuir o instrumento (violão) e pagar uma contribuição de inscrição de R\$ 60,00 (sessenta reais).

As observações atuantes serviram para identificar o ritmo de aprendizagem da turma, bem como construir um projeto que contribuísse para sua formação musical. Os alunos que estavam em nossa turma tinham faixa etária de 16 a 70 anos.

Na primeira observação, que já ocorreu conosco atuando, notamos que a turma era bem diversificada porque possuía três alunos que já tocavam, incluindo uma com deficiência visual e mais oito alunos típicos iniciantes. Apesar da diversidade, a turma como um todo era bem acelerada no aprendizado, eles conseguiram aprender os conteúdos planejados para o primeiro encontro facilmente.

Desta forma, após as três observações iniciais, nos perguntávamos como trabalhar com uma turma tão diversa? Como atender as necessidades da aluna portadora de deficiência visual? Quais seriam as melhores estratégias para envolver os alunos iniciantes e os alunos iniciados no violão? Esses questionamentos, nos ajudaram a pensar em propostas que fizessem a turma produzir o máximo possível naquele semestre.

Após toda essa parte de diagnóstico, junto com a professora e com os outros colegas de estágio, fizemos os planejamentos e os diálogos com a literatura objetivando pensar numa proposta que pudesse ser prazerosa para todos os envolvidos (professores e alunos).

A experiência docente

A proposta que utilizamos no estágio, foi trabalhar na extensão da OVPB com o formato de projeto. Esta proposta partiu do princípio da pedagogia de projetos, a partir de Pimenta e Lima (2012), que propõem que “o projeto desenvolverá atitudes e habilidades nos estagiários com vistas a um melhor desempenho profissional” (PIMENTA; LIMA, 2012, p. 220). Desta forma, desenvolvemos nosso projeto intitulado “Ensino coletivo de violão: uma turma de diversidades”.

No atual cenário da educação musical, o ensino coletivo de instrumento tem sido trabalhado e discutido por vários profissionais e pesquisadores da área. Dentre eles destacamos: Tourinho (2003), Santos (2007) e Cruvinel e Leão (2003). Segundo pesquisas realizadas por Galindo (2000) e Cruvinel (2003), a modalidade do ensino coletivo possibilita o desenvolvimento de capacidades que, de maneira tradicional (professor - aluno), seriam difíceis de desenvolver.

Nesta modalidade de ensino, a aprendizagem colaborativa também é um dos fatores que contribuem significativamente para o aprendizado do grupo. Como aponta Tourinho (2003):

Na Oficina de Violão extrapola-se a visão de curso e instrumento onde o aluno vai “aprender a tocar”, (seja piano, violão ou quaisquer outros instrumentos) como geralmente se expressa a maioria das pessoas. São cursos de música aplicada ao violão: o aluno, além de tocar, canta, solfeja, faz arranjos, toca de ouvido, toca lendo partitura, utilizando diversos gêneros musicais (TOURINHO, 2003, p.55).

Desta forma, no ensino coletivo de violões, os alunos aprendem a partir da colaboração e interação durante as aulas. Essas interações transpassam o ambiente de sala de aula, ocorrendo também através do aplicativo “whatsapp”. “Através desse meio de comunicação virtual, é possível criar maior interação entre: alunos x alunos e alunos x professores, resultando num maior aproveitamento do aprendizado coletivo dentro das oficinas de violão da OVPB” (SOUSA; ARAÚJO, 2016, p.6).

Através deste aplicativo, rotineiramente os alunos se gravavam estudando e enviavam para o grupo com o intuito de receber um feedback dos professores e alunos sobre sua performance. Além disso, o ambiente também era utilizado para avaliação de outros materiais encontrados pelos alunos na internet, como por exemplo, vídeo aula sobre ritmo de sertanejo.

Uma outra questão importante que justifica o ensino coletivo é, a de abranger mais pessoas em um ambiente de ensino de instrumento. “A partir deste quadro, o Ensino Coletivo se torna uma importante ferramenta no processo de democratização do ensino musical” (CRUVINEL; LEÃO, 2003, p.327).

Um dos princípios do projeto é a inclusão social e a musicalização através do violão. Neste sentido, nossa turma era bem heterogênea por abranger alunos que já possuíam conhecimentos básicos no violão e alunos com deficiência porque acreditamos que essas interações contribuem para o crescimento de todos os envolvidos.

Desta forma, a escolha deste tema se deu porque, através dele, poderíamos trabalhar o ensino coletivo de violão de maneira lúdica e poderíamos explorar todas as nossas ideias que viemos estudando ao longo do curso nas disciplinas teóricas, bem como utilizar recursos tecnológicos em nossa aula.

Concordamos com Del Ben, ao entender que “Ensinar música é mediar as relações das pessoas com a música, visando facilitar e promover aprendizagens musicais” (DEL BEN, 2006, p. 25). Sendo assim, mais uma perspectiva norteadora de nosso trabalho foi a de mediar a aprendizagem dos alunos com o violão, além de proporcionar, acima de tudo, a musicalização através do violão.

Desenvolvimento das aulas

Nosso objetivo na primeira aula foi fazer com que os alunos aprendessem a ler e escrever tablatura a partir da música trem bala, bem como as técnicas de mão direita e mão esquerda para execução. A partir deste objetivo, trabalhamos os conteúdos de métrica, harmonia, melodia, ritmo, tablatura e memória musical associando a técnica da mão direita e esquerda.

Uma observação importante é que, em nossa sala tinha uma aluna com deficiência visual e nós não sabíamos, por isso, não estávamos preparados para lidar com essa situação. Nós dois nos sentimos despreparados para conduzir a aula, mas também precisávamos fazer com que os alunos se sentissem a vontade e que a aula fosse construtiva para todos.

Então, além de escrever a tablatura no quadro, utilizamos o recurso da oralidade para que ela entendesse a proposta do exercício. Para ela não foi tão difícil, pois já havia tido

aula de violão anteriormente e já estava acostumada a transcrever os conteúdos musicais. A proposta funcionou porque íamos ditando a tablatura e ela transcrevia para braile.

Na aula seguinte, para fazer conexão com a aula anterior, iniciamos com a tablatura da música “Parabéns pra você”. Todos os alunos conseguiram tocar o solo inteiro e em sequência fizemos uma discussão ativa sobre posição da mão esquerda e andamento dentro do próprio solo. Nosso objetivo para essa aula era trabalhar a posição de digitação da mão esquerda, além de ensinar o sistema de leituras de cifras e sua escrita, associando ao modelo dos acordes da música “O Sol” da banda Jota Quest, de maneira que executassem a digitação e o ritmo proposto na música com as respectivas mãos.

Percebemos que eles conseguiram fazer uma ótima conexão desta aula com a anterior. Todos entenderam como funcionava a posição da mão esquerda e acharam o assunto importante para a execução de qualquer solo.

A aula fluiu muito bem, sentimos falta apenas da aluna com deficiência visual, que faltou porque o ônibus não passou até o horário de vir para aula. Acreditamos que nossa atuação foi melhor porque conseguimos fazer conexão do assunto que ensinamos com a realidade deles, ou seja, mostramos que com os acordes que eles já dominavam, poderiam tocar várias outras músicas diversas. Notamos também que os alunos gostaram e se estimularam ainda mais.

Neste sentido, a conexão dos conteúdos com as músicas do cotidiano dos alunos foi de fundamental importância. Através disso, o conteúdo passou a fazer sentido para os alunos e se tornou mais presente no aprendizado musical.

Na terceira aula, nossa intenção foi fazer com que os alunos continuassem desenvolvendo a formação de acordes, exercitando ritmo e a passagem de um acorde para outro, percepção, repertório com a música “Não precisa” (Victor Chaves) e a digitação da mão esquerda.

Iniciamos a aula com uma dinâmica fora do instrumento (pedimos para os alunos marcarem o ritmo que tinham ouvido nos pés, mãos e voz) para internalizar o ritmo da música “Não precisa”. Ficamos felizes porque todos os alunos presentes conseguiram aprender o ritmo e já fizemos conexão dos acordes com a música, logo após a primeira etapa. Acreditamos que o passo a passo, ajudou no processo como um todo e que esse

ensino gradual, faz com que os alunos consigam obter um melhor desempenho no instrumento.

Na aula posterior, nosso objetivo foi revisar os acordes da música “Não precisa” de Victor Chaves, ensinar os acordes da música “Pensa em mim” de Darwin, dar continuidade ao exercício de digitação da mão esquerda, bem como o exercício rítmico da mão direita, além de ensinar o solo da música “Asa branca” de Luiz Gonzaga.

Foi perceptível que os alunos já estavam mais seguros e confiantes na execução do ritmo de balada. Acreditamos que eles estavam mais à vontade porque trabalhamos três músicas diferentes usando o mesmo ritmo e os mesmos acordes, alternando apenas a sequência dos acordes. Além disso, conseguimos introduzir a tablatura do solo da Asa branca e a maioria já conseguiu executar o começo, mas não foi possível detalhar muito esse conteúdo durante a aula.

Nesse processo de ensino os próprios alunos norteavam nossa prática, através de sugestão de músicas e ritmos que queriam aprender e sobretudo, a aluna com deficiência visual que sempre ia nos ajudando a passar o conteúdo da melhor maneira para ela.

Na quinta aula, queríamos melhorar a leitura de tablatura, desenvolver o ritmo e a digitação associada aos acordes da música “Asa branca”, além de trabalhar a prática do solo da mesma música. Conectado ao objetivo, trabalhamos os conteúdos de cifras (A, D e E), trabalho de digitação da mão esquerda, trabalho de movimento rítmico da mão direita, tablatura e o solo da Asa branca.

Foi notório que os alunos já estavam bem envolvidos com a escrita da tablatura, mesmo que por enquanto seja apenas uma leitura melódica. Acreditamos que eles estavam mais familiarizados porque já vimos vários solos explorando essa escrita e, por isso, o uso da tablatura começou a se tornar natural nos solos de violão.

Através de nossa metodologia, percebemos que os alunos estavam conseguindo acompanhar bem os conteúdos. Possivelmente, porque já estão acostumados com nossa postura e maneira de trabalhar o ensino de violão, através da conexão entre a aula anterior e o novo assunto.

Na sexta aula revisamos a execução da harmonia e melodia da música “Asa branca”, com o objetivo de desenvolver melhor a articulação da mão esquerda na mudança

dos acordes, e exercitar a rítmica da mão direita bem como, praticar o solo da música solfeando as notas.

Infelizmente, nesta aula, não foi possível aplicar o plano de aula devido a falta dos alunos. Só dois alunos estiveram presentes e um chegou faltando 30 minutos para acabar a aula. Não nos preocupamos porque todos avisaram o motivo do não comparecimento e foi uma falta pontual.

Diante da situação, decidimos que aplicar o plano prejudicaria o andamento da turma para os que faltaram. Desta forma, em cima do que já tínhamos trabalhado, começamos a trabalhar as dificuldades específicas do aluno presente, como por exemplo a sonoridade, métrica e repertório de interesse do mesmo.

Acreditamos que a aula foi muito proveitosa e percebemos que o aluno saiu bem motivado para melhorar sua técnica no instrumento, bem como empolgado com a aula que foi trabalhada em cima do seu repertório de gosto pessoal. Para nós professores, foi um teste de improviso porque o que tínhamos planejado não poderia ser feito naquela situação e tivemos que buscar a melhor alternativa para que a aula fosse proveitosa e produtiva para todos. Isso nos fez refletir que nem sempre é possível fazer o que foi planejado com antecedência e, que há vários fatores que podem mudar o rumo da aula.

Todas essas situações eram reportadas para a professora de estágio e os outros colegas de turma, todos pensávamos juntos em uma solução para resolver os problemas que surgiam durante nosso período de estágio.

Na sétima aula, aplicamos o plano da aula anterior que não tinha sido trabalhado. Entretanto, sentimos uma grande dificuldade de conexão porque, devido a falta da maioria dos alunos na aula anterior, eles estavam mal na execução da melodia da “Asa Branca”, com exceção do aluno que estava na aula passada. Todavia, na parte da harmonia da música os alunos estavam seguros.

Diante disso, fizemos um momento de revisão do solo e da tablatura para melhorar o desenvolvimento da turma, bem como reforçar os conteúdos que já vinham sendo trabalhados anteriormente. Isso também nos fez refletir sobre o problema de ficar uma semana sem ter aula, sobretudo no instrumento que necessita de uma linha contínua de estudos para evolução.

Na última aula, nosso objetivo foi ensinar o acompanhamento harmônico da música “Mala e cuia” de Flávio Leandro, aprimorar a digitação da mão esquerda e o movimento rítmico da mão direita. Utilizamos como conteúdos a prática em conjunto associando pulsação, dinâmica, ritmo e o uso das cifras “Am, E Dm”, bem como digitação da mão esquerda, aspectos rítmicos da mão direita, exercício percussivo e exercício de apreciação rítmica, através de áudio reproduzido. Sentimos que a atividade de percepção funcionou muito bem para introduzir ritmo, além de integrar a aluna com deficiência visual.

Através da atividade proposta, os alunos foram induzidos a criarem o ritmo de acompanhamento para a base que ouviam, e isso os tornou ativos no processo de aprendizagem. Consideramos que fizemos uma boa atuação porque os alunos conseguiram compreender e executar a atividade proposta. O único desafio foi mostrar na base o que cada instrumento estava executando e como escolher a melhor opção para imitar no violão. Entretanto, tivemos êxito nesta parte também.

Consideramos que tivemos uma boa atuação, porque a evolução dos alunos correspondeu nossas expectativas. Ambos já atuamos como professores de instrumento, seja de violão ou guitarra em vários contextos de ensino. Sobre os principais desafios, podemos classificar dois dentre os que tivemos.

O primeiro foi lidar com uma aluna portadora de deficiência visual que estava matriculada em nossa turma, isso foi desafiador pois em alguns momentos esquecíamos deste detalhe e ministrávamos a aula sem nos preocupar com ela, ou seja, escrevíamos cifras, tablaturas, ou diagramas no quadro e esquecíamos de explicar de forma verbalizada, isso ocorreu com frequência nas duas primeiras aulas, depois conseguimos contornar a situação e todos os exercícios planejados de forma escrita, também eram verbalizados para que ela entendesse.

O outro desafio foi que nesta turma tinha alunos que já tocavam e outros que nunca tiveram contato com violão, então tivemos que planejar as aulas pensando na especificidade de cada um, os alunos que já tocavam, por exemplo, faziam a melodia das músicas para complementar o estudo dos acordes daqueles que estavam aprendendo. Nosso planejamento era trabalhado em cima da dificuldade da turma, ou seja, a estratégia era mudada caso houvesse dificuldade em aplicá-lo.

Resultados alcançados

Dentro da proposta de estágio supervisionado, atuar de forma prática como professor de instrumento foi desafiador e ao mesmo tempo interessante, foi possível colocar em prática os conteúdos que aprendemos ao longo de nossa graduação, de maneira que obtivemos êxito em nossas aulas, resolvendo os problemas que surgiam e alcançando o objetivo esperado.

Para aplicação de nossas aulas, utilizamos os seguintes materiais: violão, quadro branco, pincel atômico, smartphone, caixa de som amplificada, afinador portátil para violão e metrônomo. Nossos planejamentos foram elaborados de forma que pudessem resolver os primeiros itens essenciais para se conseguir obter um resultado satisfatório na execução do instrumento, podemos citar como exemplo o ritmo, a articulação da mão esquerda na montagem dos acordes, o movimento da mão direita para execução rítmica entre outros.

Dentro do contexto de aula de instrumento, a parte rítmica é um dos itens que dá mais trabalho para alguns alunos. Então, nem sempre a aula sai como planejamos, mas ao longo do trabalho, os alunos foram desenvolvendo e como prova do sucesso obtido, realizaram um recital aberto ao público. Isso foi motivador tanto para eles, como para nós professores porque nos deu a certeza que estamos no caminho certo. Além disso, conseguimos observar a evolução da turma durante o semestre, praticamente todos iniciaram do zero no instrumento e ao final, todos conseguiram tocar.

Sendo assim, neste estágio foi possível melhorar nossa atuação como professores principalmente no contexto do ensino coletivo de instrumento. A obrigatoriedade de se planejar com antecedência as aulas a serem aplicadas nos orienta na construção de um trabalho prático e objetivo.

Em meio às dificuldades, apenas o nivelamento da turma foi um desafio no qual precisamos planejar bem para tornar as aulas prazerosas para todos. Diante disso, podemos afirmar a importância da disciplina em nossa formação, ela contribuiu de forma essencial para que possamos ser excelentes profissionais.

Pensando no ensino como um todo, percebemos que cada espaço e cada turma representa um novo desafio, que precisamos estar sempre atentos as especificidades de

cada lugar e turma, para conseguir desenvolver um trabalho sério e proveitoso para todos os envolvidos.

Referências

CRUVINEL, Flávia Maria; LEÃO, Eliane. O ensino coletivo na iniciação instrumental de cordas: uma experiência transformadora. In: ENCONTRO ANUAL DA ABEM, 12. 2003, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: ABEM, 2003, p. 326-333.

DEL BEN, Luciana Marta *et al.* Políticas educacionais e seus impactos nas concepções e práticas educativo-musicais na educação básica. In: CONGRESSO DA ANPPOM, XIV, 2006. Brasília. *Anais...* Brasília: ANPPON, 2006, p. 01 - 06.

GALINDO, João Maurício. Instrumentos de arco e o ensino coletivo: a Construção de um método. São Paulo, 2000. 180p. Dissertação de Mestrado - Escola de comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, SP, 2000.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. Planejando o estágio em forma de projetos. In: PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. *Estágio e docência*. São Paulo: Cortez, 2012. p. 219-229.

SANTOS, Carla Pereira. Ensino coletivo de instrumento: uma experiência junto ao grupo de flautas do Projeto Musicalizar é Viver. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 16, 2007, Campo Grande. *Anais...* Campo Grande: ABEM, 2007. p. 01-06.

SOUSA, Johnatan Martins de; ARAÚJO, Michel Soares de. Orquestra de Violões: um caminho para a prática em grupo e o ensino coletivo de violão. In: ENCONTRO REGIONAL NORDESTE DA ABEM, 13. 2016, Teresina. *Anais...* Teresina: ABEM, 2016. p. 01-10.

TOURINHO, Ana Cristina G. dos Santos. A formação de professores para o ensino coletivo de instrumentos. In: ENCONTRO ANUAL DA ABEM, 12. 2003, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: ABEM, 2003. p. 51-57.